



Psicodrama & Neurociência: Moreno em diálogo com a neurociência contemporânea

Heloisa Junqueira Fleury¹

Marlene Magnabosco Marra²

Isabel Fleury Azevedo Costa³

RESUMO

Esta aula propõe um diálogo entre o psicodrama de J. L. Moreno e a neurociência contemporânea, investigando como conceitos como matriz de identidade, tele e espontaneidade podem ser compreendidos à luz das pesquisas atuais sobre neuroplasticidade, memória relacional implícita, intersubjetividade e regulação autonômica. Parte-se da hipótese de que o psicodrama constitui um método neurobiologicamente organizador, capaz de promover integração hemisférica, flexibilização de padrões relacionais implícitos e reorganização de circuitos afetivos.

Fundamenta-se em estudos sobre apego, intersubjetividade, neurônios-espelho e Teoria Polivagal, que demonstram que experiências emocionais compartilhadas reorganizam circuitos neurais e padrões relacionais.

O objetivo é reformular conceitos psicodramáticos em linguagem neurocientífica, evidenciando seus mecanismos neurobiológicos. A metodologia consiste em revisão teórico-integrativa articulando literatura em neurociência afetiva e prática psicodramática.

Os resultados indicam que técnicas como inversão de papéis, duplo e espelho ativam memória implícita e promovem integração entre domínios afetivos e reflexivos, ampliando a flexibilidade neural. Conclui-se que o psicodrama constitui um método neurobiologicamente organizador, capaz de favorecer regulação, integração e transformação relacional.

Palavras-chave: Psicodrama. Neurociência. Dramatização. Neuroplasticidade. Regulação autonômica.

¹ Psicodramatista Didata-Supervisora e Orientadora, Instituto Aprender Vivo, hjfleury@gmail.com

² Psicodramatista Didata-Supervisora e Orientadora, Instituto Aprender Vivo, marlenemarra1@gmail.com

³ Psicodramatista, Instituto Aprender Vivo, isabelfac@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, J. L. Moreno propôs uma compreensão inovadora do desenvolvimento humano ao afirmar que o self se constitui no relacionamento, que a espontaneidade é força organizadora da vida psíquica e que a transformação ocorre na ação e no encontro. Décadas antes do advento das tecnologias de neuroimagem, tais proposições anteciparam descobertas hoje consolidadas pela neurociência afetiva.

A partir da década de 1990, evidências demonstraram que experiências emocionais significativas produzem alterações estruturais no cérebro. KANDEL (1998) evidenciou que mudanças comportamentais duradouras implicam modificações na plasticidade sináptica e na expressão gênica. A experiência relacional, portanto, é simultaneamente psicológica e biológica.

Esta aula objetiva estabelecer um diálogo entre os fundamentos do psicodrama e evidências contemporâneas da neurociência, reformulando conceitos morenianos à luz de estudos atuais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Neuroplasticidade e memória relacional implícita

A distinção entre memória explícita e implícita trouxe importantes contribuições para a compreensão da mudança terapêutica. Stern (2007) destaca que o fator transformador central na psicoterapia reside no conhecimento relacional implícito, isto é, nos padrões não verbais organizadores da experiência.

Schore (2021) demonstrou que experiências precoces de sintonia moldam circuitos do hemisfério direito responsáveis pela regulação afetiva. Falhas repetidas nessa regulação podem gerar desorganizações emocionais e relacionais. Tais achados dialogam com o conceito moreniano de matriz de identidade, compreendido como campo relacional primário no qual emergem os papéis.

2.2 Cérebro social, apego e matriz de identidade

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026

O chamado cérebro social envolve estruturas responsáveis pelo processamento emocional e interpessoal. Bowlby (2023) demonstrou que os vínculos primários organizam modelos internos de funcionamento que orientam relações futuras. A matriz de identidade pode ser compreendida como organização relacional do cérebro social em desenvolvimento, integrando co-experiências.

2.3 Tele, neurônios-espelho e regulação autonômica

Pesquisas sobre neurônios-espelho (HUG, 2008) indicam que observar ações e emoções ativa circuitos neurais correspondentes, sustentando empatia e intersubjetividade. Tal fenômeno aproxima-se do conceito de tele.

Porges (2025) demonstra que o sistema nervoso avalia continuamente a segurança ambiental por meio da neurocepção. A mudança terapêutica ocorre quando há ativação emocional dentro da janela de tolerância, possibilitando integração.

2.4 Co-consciente, co-inconsciente e sincronização inter-cerebral

Estudos recentes sobre sincronização neural interpessoal demonstram alinhamento de padrões cerebrais em interações emocionalmente significativas. Esse fenômeno oferece respaldo empírico às formulações morenianas de co-consciente e co-inconsciente como processos emergentes do campo grupal.

2.5 Espontaneidade como flexibilidade adaptativa

Moreno definiu espontaneidade como resposta nova a situação antiga ou resposta adequada a situação nova. Em linguagem neurocientífica, pode ser compreendida como flexibilidade neural adaptativa sob condições de segurança.

A dramatização, com técnicas psicodramáticas como inversão de papéis, duplo e espelho, promovem integração entre domínios implícitos e explícitos, favorecendo a reorganização de padrões relacionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados indicam que conceitos fundamentais do psicodrama encontram respaldo consistente na neurociência contemporânea. A matriz de identidade dialoga com o cérebro social; a tele aproxima-se da intersubjetividade neural; o co-consciente e co-inconsciente relacionam-se à regulação distribuída; e a espontaneidade pode ser entendida como flexibilidade neural adaptativa.

O psicodrama configura-se como método capaz de promover reorganização de padrões implícitos, integração hemisférica e ampliação da capacidade relacional. Assim, reafirma-se sua atualidade científica e relevância clínica no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BOWLBY, J. **Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego**. Artmed, 2023
- KANDEL, E. R. A new intellectual framework for psychiatry. **American Journal of Psychiatry**, Washington, v. 155, n. 4, p. 457–469, 1998. Disponível em: <https://ajp.psychiatryonline.org/doi/10.1176/ajp.155.4.457>. Acesso em: 24 fev. 2026.
- PORGES, S. W. **Polyvagal theory: a journey from physiological observation to neural innervation and clinical insight**. *Front Behav Neurosci*. 2025 Sep 16;19:1659083. doi: 10.3389/fnbeh.2025.1659083. PMID: 41035859; PMCID: PMC12479538. Acesso em: 24 fev. 2026.
- HUG, E. Neurônios-espelho e o espaço intersubjetivo. In: H. J. Fleury, G. S. Khouri, & E. Hug (Orgs.), **Psicodrama e Neurociência** (pp. 31–48). São Paulo: Agora, 2008.
- SCHORE, A. N. **The Interpersonal Neurobiology of Intersubjectivity**. *Front Psychol*. 2021 Apr 20;12:648616. doi: 10.3389/fpsyg.2021.648616. PMID: 33959077; PMCID: PMC8093784.
- STERN, D. N. **O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Record, 2007.